



CERIMÔNIAS OBLÍQUAS

Claudio Luiz Garcia. UEL/PR

RESUMO : As "Cerimônias Oblíquas" fizeram parte dos procedimentos metodológicos da pesquisa aqui apresentada, por meio da qual se buscou investigar como os estudantes "levam" as experiências artísticas ao pensamento. A partir de relatos escritos, desenhos, fotografias e vídeos produzidos por estudantes, percebeu-se a dificuldade que eles têm para desenvolver uma "experiência de pensamento" em oposição à experiência artística em si. Os relatos, quando próximos dos laboratórios de criação, apresentam uma comunicação razoável, mas perdem em expressão quando envolvem experiências relacionadas ao pensamento. Esses relatos são o primeiro passo para a formulação de um esboço conceitual que irão abordar, futuramente, em seus Trabalhos de Conclusão de Curso.

Palavras-Chave: Educação; Linguagem; Poética; Discurso; Poesia

ABSTRACT : The "Cerimônias Oblíquas" are part of the methodological procedures presented on this research, in which searched to investigate how the students "lead" the artistic experiences to thought. From written reports, drawings, photos and videos produced by the students, it was noticed the difficulty they have to develop an "experience based in thought" in opposition to the artistic experience itself. When the reports are close to the laboratory of creation, they present a reasonable communication, but loose in expression when involves experiences related to thought. These reports are the first step to formulate a conceptual sketch, which they will approach, in the future, on their Conclusion Course Works.

Key-words: Education; Language; Poetic; Speech; Poetry.

Introdução

Este artigo apresenta um relato respeitoso das normas técnicas e acadêmicas, na medida do possível, entretanto, transgride o texto convencional, pois sua mensagem avança sobre as fronteiras das ciências. Sem a pretensão de competir com essas convenções para superá-las, a escrita deste texto se apoia em alguns trechos da Bíblia de Jerusalém. Esta foi usada menos por motivos religiosos e mais por investigação metodológica da escrita. O texto não cita referências bíblicas como conteúdo religioso, mas apenas como pano de fundo para a configuração da escrita, que tem um caráter imagético, metafórico, mitológico e, na medida do possível, acadêmico.

Buscar na narrativa mitológica o apoio de uma linguagem acadêmica foi um dos objetivos do autor, por este motivo as frases foram elaboradas em forma de paráfrases, sem nenhuma intenção de fundamentar a narrativa teoricamente, mas culturalmente. A Bíblia, a meu ver, é um livro ético, esteticamente clássico, em cujo conteúdo há homens e mulheres (infelizmente mais homens que mulheres) que caminham por países extintos visivelmente, mas que, invisível e culturalmente, "habitam" quase todos os seres da terra.

O assunto, a escrita de artistas visuais, foi abordado como se eu orbitasse em torno de um átomo como os elétrons em torno de seu núcleo, enquanto percorria as distâncias incomensuráveis da academia, quando atuava na educação não formal.

O artigo é curto em extensão e longo no que diz respeito à configuração do campo abordado. Trata-se de uma pesquisa com mais de dois anos, fundamentada nas artes visuais. Os resultados são apresentados em forma de ações artísticas, performances, vídeos e fotografias. Foram usadas diversas formas de narrativa para se desviar da linguagem científica, menos para contestá-la, como já disse, e mais para experimentar outros gêneros de discursos, a saber: articulados e ao mesmo tempo artísticos.

As pesquisas em artes visuais, no Brasil, têm buscado caminhos dentro e fora das academias. O caminho desta foi encontrado dentro do ambiente universitário (Universidade Estadual de Londrina), onde a comunidade acadêmica interage nas performances culturais do projeto em questão. A seguir, relato e proponho os caminhos, até aqui, percorridos.

Os Incidentes Passados

Compreendi-os.

Escutei-os.

A ninguém causei injúria, a ninguém perverti, a ninguém explorei. Também não é para condenar ninguém que digo: falta coração, tensões entre vida e morte; confiança e ousadia na educação pelas artes (educação como caminho, método, e como linguagem visual e verbal). Estou cheio de dados, "pré-pensamentos", transbordei as reservas de pensamentos *a priori* e *a posteriori* e em toda a tribulação

vivida. Durante a pesquisa, os pensamentos formulados sobre as imagens estáticas (desenho, gravura e pintura) e em movimento (vídeo e cinema) foram discutidos em torno da questão acerca do Tempo. Embora Mário Peixotoⁱ, outro cineasta cuja obra ofereceu embasamento às discussões, afirme que "Em nenhum lugar existe tempo algum", o tema foi investigado exaustivamente e, nessa "inexistência" de Tempo, foi discutido alguns conceitos formulados no livro "Esculpir o Tempo". A linguagem artística foi, pouco a pouco, formada no sentido de um conjunto de símbolos com base nos quais todos se encontraram como interlocutores e, a partir de então, passaram a buscar outros. A obra cinematográfica de Andrei Tarkovski e seu livro acima referido foram a referência mais significativa, mas também houve diálogos com as artes cênicas, a música e a literatura.

Busquei-os.

Eu vos dou a conhecer a busca e o caminho que as "Cerimônias Oblíquas" me concederam, antes, porém, deponho o seguinte: estas não foram planejadas no projeto de pesquisa. No percurso, elas foram "pré-pensadas" e preparadas para se desviar das discussões agudas, obtusas, confusas, narcísicas - onde todos os egos ardiam para ter razão. As "Cerimônias" foram criadas para que as dúvidas surgissem sem medo, sem vergonha, tampouco sem vaidades ou disputas.



Detalhes de uma das "Cerimônias Oblíquas" - 2011

As "Cerimônias" foram experiências artísticas coletivas, laicas e, de um modo enviesado, religiosas, desenvolvidas em ambientes fechados e abertos, ou melhor, em ambientes de sala de aula e no *campus* universitário, onde o grupo se reunia para assistir aos filmes de Tarkovski e para escrever desenhar a partir de modelos vivos. Os ambientes fechados foram criados a partir do filme "Nostalgia", do cineasta acima referido, de um modo explícito, a saber: os elementos dos cenários foram usados nas instalações. A última, a "Cerimônia do Fogo", foi realizada em campo aberto: as chamas simbolizavam a queima do ego em favor da valorização do amor - "menos ego e mais amor" era a máxima dita para o público.



Fotografia da Cerimônia do Fogo

Recentemente, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), houve a mudança do Departamento de Artes Visuais para um novo prédio. O antigo prédio era um galpão de madeira construído nos primeiros anos de formação do campus. Logo após a mudança, este galpão foi demolido, restando apenas o piso cimentado, cercado por árvores. Neste local, foi realizada a última Cerimônia, em abril deste ano, com um foco previamente pensado no Fogo.



Fotografia da Demolição

O ritual começou na sala de aula de gravura, no prédio novo. Deste ponto de partida, cada estudante, com uma garrafa de água e uma vela acesa, saiu em "procissão" rumo ao cimentado. A fogueira foi acesa nesse piso e, em torno dela, os estudantes circulavam cantando e gesticulando cada qual, a seu modo. Os demais participantes chegaram para ver e foram convidados a participar, acendendo uma vela para deixá-la queimando no piso em volta da fogueira. Foram feitas várias propostas, a saber: desenhar à luz da fogueira, dançar, fotografar, cantar etc..



Fotografia da sala de gravura

Deixo aparente o meu testemunho como autor e participante desta última "Cerimônia": Ela foi realizada segundo os seus meios e para além dos seus meios, e com toda a espontaneidade e viva insistência ela foi criada. Convidei diversos professores, estudantes de artes e demais departamentos em proveito próprio de cada um. Os resultados foram: alguns depoimentos escritos por participantes; alguns poucos desenhos e muitas fotografias, vídeos e comentários na rede social *facebook*, entretanto, estes últimos foram desconsiderados.

A "Cerimônia" com o fogo ultrapassou minhas expectativas e esperanças de organizar dados concretos e não virtuais, graças ao próprio evento em si e aos seus meios. Os parceiros foram se agrupando da forma que consideravam mais apropriada, e assim, a "Cerimônia" tomou um rumo próprio. Passei de autor a espectador e participante e, agora, apresento este artigo como sujeito onisciente desta e das demais "Cerimônias" adotadas como método de criação coletiva calcado em experiências oblíquas - sem direção ortogonal. Estou cheio de satisfação, de dados, de cartas dos estudantes, de textos acadêmicos e desenhos que não serão analisados como obras formais. Tanto os textos como as imagens são dados/sinais com base nos quais será organizada uma linguagem que resultará da Educação pela arte e das linguagens visuais e verbais, até que se chegue a um método oblíquo de criação artística na universidade.

Encontro com as linguagens

O grupo foi em busca de sinais que expressassem linguagens artísticas e ao encontro de discursos visuais e verbais. Estou cheio de colaboradores, transbordo de alegria nessa jornada/tribulação.

Em verdade, ao chegar às "Cerimônias", a expectativa era baixa; o corpo não teve repouso algum e emergiram toda espécie de dúvidas: por fora, lutas que as artes tiveram que enfrentar para estar na universidade; por dentro, temores. Entretanto, as oscilações do ambiente da sala de aula, com velas acesas, projeção dos filmes do Tarkovski e modelos vivos em performances, desdobraram-se na Cerimônia do Fogo e nas aulas de xilogravura e gravura em metal. O meu encontro, como professor de gravura, com os estudantes de artes visuais foi específico, dirigido pela força dos preconceitos gerados pelos equívocos em relação à má

interpretação dos conceitos sobre arte contemporânea. Assim, propus uma viagem para os séculos passados, com o vivo desejo de transportá-los para o nosso tempo, com a desolação das dúvidas e com o zelo na educação pelas artes. Pela superação da falta de compreensão que gerou preconceitos acerca da, no entanto, foi de tal modo surpreendente que, em mim, a alegria prevaleceu.

Cartas foram trocadas. Estão sendo trocadas. Como no livro *Esculpir o Tempo* de Andrei Tarkovski, também se começou pelas cartas como meio de comunicação e de retorno de minhas proposições oblíquas, menos para se desviar da retidão e mais para se firmar os pés nas dúvidas. Meditei. Se, a princípio, me arrependi, vejo, por outro lado, que as cartas que recebi dos estudantes não me entristeceram porque encontrei o caminho do "não voltar atrás". Alegria, satisfação menos positiva e mais contemplativa, em busca do caminho das não estruturas respeitadas frente às estruturas estabelecidas por leis da universidade, foi o que senti. Há de existir uma organização para se promover o caos, mesmo que circunstancial e propositalmente, mas o essencial foi o foco da busca.

A educação que busco é a que se aproxima da essência dos desenhos das cavernas. Nestes, os "desenhadores", longe da luz, do *glamour*, dos espaços expositivos, estavam em contato com algum ritual que se perdeu no tempo devido ao acúmulo de conhecimento que resultou na cultura atual. Nesta, os desenhadores buscam a luz, o *glamour*, os espaços expositivos, e se perdem. Eu perco a espontaneidade quando estou desenhando em ambientes coletivos. Basta um, dois ou mais espectadores aproximarem-se para que o meu gesto se retraia ou se envaideça e o esnobismo se torne a expressão do "grande desenhador que sou" diante daqueles que não desenharam nada e que, ainda hoje, admiram os renascentistas como se estes desenhassem num passe de mágica. Esses espectadores admiram a mágica contida nos resultados e não o labor do processo. Quanto mais o público ignora a essência do processo de criação, menos contribui para a espontaneidade do artista. Todo artista ou a maioria deles quer, hoje, surpreender o espectador como se estivesse à frente de um público pronto para se levantar e aplaudir - mesmo que esses aplausos sejam formais. Esta expectativa, por mínima que seja no instante da criação, serve para estragar o desenho, pois o gesto se contrai dentro dos limites do papel ou de qualquer "suporte" do desenho. Estragar um desenho, hoje, parece-me que significa distanciar-se dos desenhos de

homens/mulheres das cavernas. Depois de assistir ao filme do cineasta Herzog, recentemente lançado no Brasil, *A Caverna dos sonhos esquecidos*, questionei-me se aqueles eram homens ou mulheres caçadoras ou “desenhadoras” daquelas imagens que, acima de tudo, evidenciavam um traço tão espontâneo que um mínimo de vaidade, de luz, atrapalharia o gesto simbólico - seja ele qual fosse.

A última "Cerimônia", apesar de fazer parte de um pensamento que já havia sido elaborado durante os dois últimos anos, foi criada/planejada depois de eu ter assistido ao referido filme. Perguntei-me: será que se os estudantes desenharem à luz de uma fogueira, os desenhos seriam mais espontâneos? Ninguém desenhou. O ritual tomou outro rumo. Talvez, tenha sido melhor assim. Eu, no meio deles, abri um caderno e comecei a desenhar. Bastou esse gesto para se acumular, em minha volta, um grupo de pessoas que eu desconhecia, mas que tecia comentários com palavras de admiração. Ao escutá-las, mesmo diante do ritual - fogueira, velas, sons, ruídos, vozes - eu perdi a espontaneidade e reduzi os desenhos a duas folhas. Não que as pessoas estivessem me intimidado, nem tampouco me deixavam vaidoso, mas percebi que o gesto era excêntrico e alheio ao coletivo. Parei e recomecei a filmar. A câmera de vídeo é menos expositiva.

Esse encontro de linguagens do desenho e do ritual não foi livre o suficiente para que eu pudesse colher produções cujo teor fosse uma síntese gráfica dos desenhos parietais. Não pretendi exatamente isto, apenas obliquamente. O significado deste "oblíquo" não é esquivo, astuto, mas algo que permeia a dúvida com muito respeito e cuidado para que esta seja levada até o fim. A dúvida foi o ponto de partida e será o fim deste projeto que, conseqüentemente, desembocará em outro, provavelmente, um misto de pesquisa e ensino. O atual é apenas de pesquisa. O ensino através da arte, relacionado às linguagens visual e verbal, tratará de interações essenciais.

Considerações finais

A elaboração de uma metodologia para a formulação de conceitos acerca da linguagem artística é o que tenho buscado por meio de meus projetos na universidade.

O papel do educador que lida com a sensibilidade artística é amplo e induz o "artista professor" a se infiltrar nos seguintes campos: da poesia, do discurso de educador e da prática artística. Estes campos estão sendo considerados, nesta pesquisa, como consequências da interação entre três forças básicas, a saber: a educação, a linguagem visual e a linguagem verbal.

A interação entre estas forças requer maiores esclarecimentos e, portanto, serão abaixo enumeradas com base na teoria das cores apresentada por Josef Albers. As interações aqui enumeradas são hipóteses criadas na etapa atual da pesquisa. Estão sendo investigadas as seguintes interações:

1. A mistura da "força" educação com a "força" linguagem visual sugere uma "poética visual", isto é, uma ação artística ligada ao fazer artístico, ao fabricar coisas, obras, ações etc..
2. Ao misturar a "força" linguagem visual com a "força" linguagem verbal, espero encontrar a poesia.
3. A "força" educação imbricada à "força" linguagem verbal resulta no discurso do professor.

Segundo a teoria básica das misturas de cores, após criadas as secundárias, faz-se a relação entre uma das cores terciárias com a cor primária complementar. Desse modo, como a cor secundária é resultado de duas primárias, a complementar de uma determinada secundária é a primária que faltou na criação da secundária. Portanto, pergunto: o que falta no resultado da primeira mistura, ou seja, na poética visual? Respondo: a linguagem verbal, porque esta foi a força primária que não entrou na combinação em questão. Por isso, cabe ao professor promover, após as práticas artísticas, o relato das experiências desenvolvidas. Tenho solicitado aos estudantes que escrevam cartas para mim com o relato dos fenômenos mentais formulados, em pensamento, em relação às experiências que eles tiveram. Este é o primeiro passo para a formulação de um esboço conceitual que irão abordar, futuramente, em seus Trabalhos de Conclusão de Curso.

Na segunda mistura, a poesia, falta a Educação, ou melhor, a experiência de leituras de poesias pelo educador. A poesia é constituída por uma linguagem sintética, metafórica, musical etc., enfim, há, na poesia, uma linguagem muito

distante dos processos de educação desenvolvidos na contemporaneidade. Isto ocorre não apenas entre os estudantes, mas, em geral, também entre os professores.

Em relação à terceira mistura, pode-se questionar: o que falta ao discurso pedagógico? Falta a linguagem visual. Portanto, encontrei, neste diagrama, a interação entre as forças básicas que giram em torno de um núcleo central - a linguagem. Esse diagrama é baseado no diagrama das cores primárias, secundárias e terciárias.

Ao retornar a Andrei Tarkovski, encontrei, em sua linguagem cinematográfica, algo que as imagens não verbalizaram nos filmes. O texto de seu livro *Esculpir o Tempo* é um exemplo de como um artista pode fazer uma reflexão sobre seu processo de criação. Entretanto, como os resultados ainda estão sendo analisados e filtrados pelo diagrama acima, pretendi apresentar as hipóteses geradas até aqui, para ampliar as discussões no próximo projeto de pesquisa que, necessariamente, terá como ponto de partida o diagrama acima, denominado: "Diagrama para alguns conceitos para pesquisas em artes visuais".

NOTAS

ⁱ Mário Peixoto - cineasta brasileiro, autor de um único filme: "Limite" - obra ímpar do cinema mudo nacional.

REFERÊNCIAS

ALBERS, Josef. *A interação da cor*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília. *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GAGE, John. *A cor na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Da Experiência do Pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969.

_____, *O Caminho do campo*. Revista de Cultura Vozes, ano 71, vol. LXXI, 1977, número 4, p.326 - 328.

GIL, José. *Sem título: escritos sobre a arte e artistas*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Nostalgia: Itália e Rússia. Direção de Andrei Tarkovski, Continental Home Video, 1983, 130min.

Claudio Luiz Garcia

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (1977), mestrado e doutorado em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2006, 2010), com linha de pesquisa em Poética Visual em ambos. Atualmente é professor doutor da Universidade Estadual de Londrina, atuando principalmente nos seguintes temas: gravura e imagem.

ANEXOS



FOTO 2 - CERIMÔNIA OBLÍQUA DE DESENHO DENTRO DA SALA DE GRAVURA



FOTO 4 - A PRIMEIRA AMBIENTAÇÃO NA SALA DE DESENHO DO ANTIGO DEPARTAMENTO